

UMA PRÁTICA CORPORAL QUE CHEGOU PARA FICAR: AS PRIMEIRAS MARATONAS NO BRASIL

Recebido em: 09/04/2019

Aceito em: 12/01/2020

*Camila da Cunha Nunes*¹

Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE)
Brusque – SC – Brasil

*Manoel José Fonseca Rocha*²

Escola Técnica do Vale do Itajaí (ETevi)
Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Blumenau – SC – Brasil

RESUMO: As corridas de rua passaram por uma série de reformulações até chegarem ao modo como são desenvolvidas nos dias de hoje. Diante disso, tem-se como objetivo refletir sobre o desenvolvimento das primeiras maratonas no Brasil. Para tal, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental. Nesse conjunto, adotaram-se como fontes jornais, revistas e um conjunto de referenciais teóricos que fundamentam a discussão desejada.

PALAVRAS-CHAVE: Corrida. Maratonas. Brasil.

A BODY PRACTICE THAT HAS ARRIVED TO STAY: THE FIRST MARATHONES IN BRAZIL

ABSTRACT: The running have gone through a series of reformulations until they reach the way they are developed today. In view of this, we aim to reflect on the development of the first marathons in Brazil. For that, a qualitative research of bibliographical and documentary character was carried out. In this set, newspapers, journals and a set of theoretical references were used as sources for the desired discussion.

KEYWORDS: Running. Marathons. Brazil.

¹ Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Educação pela FURB e Mestre em Desenvolvimento Regional pela mesma instituição. Graduada em Educação Física pela FURB. Docente no Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE).

² Doutorando em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Educação pela FURB. Graduado em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente e Diretor da Escola Técnica do Vale do Itajaí (ETevi/FURB).

Introdução – As Primeiras Corridas no Brasil: Da Gênese a Popularização³

As corridas de rua passaram por uma série de reformulações até chegarem ao modo como são desenvolvidas nos dias de hoje. Em algumas localidades, como na região sul, nota-se a influência do processo de ocupação e desenvolvimento da região no desenvolvimento do esporte (NUNES, 2014). O mesmo ocorre no atletismo e em outras regiões do país. O atletismo deve a sua expansão inicial, sobretudo, desencadeada pelos imigrantes alemães, ingleses, italianos e seus descendentes, que se radicavam em grande número e produziram estímulos e identidades de mútuo contágio, típicos do esporte e de suas tradições (CATARINO FILHO, 2006). Sendo assim, o contexto local influencia na difusão de uma prática esportiva, bem como sua adoção (MASCARENHAS, 2014). Isto é, em regiões ou cidades onde preexistia a prática esportiva, a adoção do atletismo ocorreu sem maiores percalços, pois era apenas mais uma prática esportiva que passava a ser praticada⁴.

Nesse contexto, as corridas a pé, também reconhecidas na época como corridas atléticas, davam origem ao atletismo no Brasil (MELO, 2001) e eram organizadas, particularmente, pelos clubes de tradição europeia. Essas influências, ainda, podem ser notadas em atividades praticadas em momentos de lazer e na construção de instalações esportivas realizadas pelos clubes ou associações esportivas⁵. Por isso, é evidente o ritmo diferenciado de adoção das corridas de rua e das maratonas quando comparamos as regiões sul e sudeste com o nordeste, onde as pessoas não estavam habituadas aos exercícios físicos, a prática esportiva e a exibição de corpos se exercitando em calçadas,

³ Registra-se que as informações apresentadas encontram origem em diversos artigos publicados e em alguns momentos há conflitos de informações quanto às datações bem como nomenclaturas e informações.

⁴ Isso porque as barreiras (BALE, 2003) culturais ou mecanismos retardadores determinados pela exibição pública de corpos já haviam sido trabalhados, devido a adoção de outras práticas esportivas anteriormente (MASCARENHAS, 2014).

⁵ Observam-se iniciativas para tal, em 1893, promulgou-se, no Rio de Janeiro, a lei nº 173 que regularizou posteriormente algumas associações esportivas de Niterói.

ruas, parques, em vias públicas. A expansão da prática esportiva e do apelo pelo espetáculo exigiu das cidades novos espaços para comportar os novos eventos sociais decorrentes (MASCARENHAS, 2014).

Entende-se como prática corporal uma forma de manifestação/expressão do indivíduo ou coletivo possibilitando escolhas nos modos de relacionar-se com o corpo e de movimentar-se, advindo da experiência vivida socialmente. “[...] As práticas corporais são significativas, portadoras de um sentido para aqueles que delas participam, permitindo contrapor-se à perda do enraizamento cultural e das referências grupais que vêm caracterizando as sociabilidades contemporâneas” (SILVA; DAMIANI, 2005, p. 24).

Enquanto nos últimos anos do século XIX países europeus já desenvolviam corridas bem estruturadas e com regras definidas, no Brasil se realizavam torneios informais. Há registros do surgimento em Porto Alegre (RS) de uma associação de origem alemã, denominada Sociedade *Turnerbund*, existente até hoje (nome atual de Sociedade Ginástica de Porto Alegre – SOGIPA), na qual se praticava ginástica e tiro ao alvo, complementados pelo atletismo e outros esportes sob forma recreativa. Isso se reproduziu em vários clubes alemães que surgiram no interior do RS e que perduraram até o início da Segunda Guerra Mundial (MELO; TURCO, 2006).

O atletismo, na época, integrava práticas corporais denominadas por *turnen*, termo do idioma alemão. O *turnen*, ou simplesmente ginástica, é um esporte próprio da tradição alemã trazido pelos imigrantes e inserido nas sociedades de ginástica a partir de 1867, quando foi fundada a SOGIPA. Sendo assim, o desenvolvimento do atletismo era estimulado nas agremiações de ginástica com vistas à saúde corporal e à educação moral dos jovens, objetivando ainda a preservação da identidade étnico-cultural dos

imigrantes alemães e seus descendentes. Por isso, é concedido a SOGIPA o pioneirismo da prática do que mais tarde se chamaria atletismo e das corridas de rua, devido aos registros em relatórios anuais da entidade (MAZO, 2003; MAZO; MADURO; PEREIRA, 2010).

Por sua vez, no estado do Rio de Janeiro⁶ (RJ) há evidências de que em 1880 já se realizavam no Club Brasileiro de Cricket apostas para as corridas a pé (EVANS, 2010). No mesmo ano foi realizado no Rio Cricket Club um evento denominado *British Amateur Athletic Sports*, com corridas de 220 e 440 jardas. Ainda, o Jornal do Comércio anunciava em seu noticiário notas sobre atividades esportivas, dando ênfase aos “jogos atléticos ingleses” que envolviam corridas a pé (MELO; TURCO, 2006). No mesmo estado, surgiu o primeiro movimento para a organização de uma associação esportiva voltada para corridas, proposta pela criação do *Running Club*, com o nome de Club Atlético Brasileiro, em 31 de julho de 1881 (CATARINO FILHO, 2006).

Em 1883, a imprensa divulgou o programa da corrida inaugural do Club Olympico Guanabareense. O Clube dedicava-se às corridas a pé em diversas distâncias e tipos, além das corridas de velocípedes. Ainda no mesmo ano, o Club Olympico Brasileiro também organizou a realização de corridas no clube (CATARINO FILHO, 2006). No período de 1883 a 1885, o Jornal do Comércio centralizava suas informações em festas esportivas em que predominavam as provas de corridas, referindo-se basicamente aos clubes Atlético Alemão do Rio de Janeiro e Atlético Brasileiro, Rio Cricket e *Athletic Association* e Olympico Guanabareense, de Niterói (RJ). As provas de

⁶ Nessa época o estado do Rio de Janeiro era uma província brasileira dos tempos do Império. Com a proclamação da República (15/11/1889), sobre a égide da Constituição de 1891, recebeu a denominação de Estado e ganhou a configuração do atual território somente após o seu processo de unificação com o estado da Guanabara durante o governo do presidente Ernesto Geisel, em 1975.

Niterói eram realizadas aos domingos e incluíam crianças e moças, sendo que o atleta de maior destaque na época foi Erwin Voigt (MELO; TURCO, 2006).

Em 1902, o *Rio Cricket and Athletic Association* promove competições de atletismo. Segundo o Jornal do Comércio, em uma das competições realizada em 15 de agosto, a associação organiza uma festa de atletismo com um público de duas mil pessoas. Anos mais tarde, em 1923, o *Ingá Sport Club* organiza provas também (MELO; TURCO, 2006). Essas iniciativas já sinalizam ações que, mais tarde, denominam o RJ como um dos estados pioneiros em competições de maratona. Desencadeadas também pela gênese da Liga Metropolitana de Esportes Atléticos em 1919.

Em São Paulo (SP), o Jornal do Comércio, na edição de 07/05/1880, publicava a notícia sobre a realização de provas de corrida na cidade, promovidas pelo Clube de Corridas Paulistano (MELO; TURCO, 2006). Em São Paulo, as agremiações culturais também se desenvolviam, onde o primeiro clube fundado foi o *São Paulo Athletic*, em 1888. Além desses surgiram ainda, em São Paulo, o *Club Alemão de Ginástica* (1888), *Associação Atlética Mackenzie Collage* (1898), *Sport Club Internacional* (1899) e *Club Atlético Paulistano* (1900); em Niterói (RJ), a *Rio Cricket and Athletic Association*, por volta de 1872; e na região Sul, diversas agremiações de origem alemã. Nesses locais a corrida era praticada de forma descontínua (EVANS, 2010).

Enquanto os esportes, sobretudo no RS se instituíam por meio da acentuada influência alemã, em SP o atletismo devia sua expansão inicial à participação dos imigrantes italianos e seus descendentes, que se radicavam na região. A passagem por São Paulo do atleta olímpico Dorando Pietri, em maio de 1910, quando fez uma corrida de exibição seguida de uma turnê, impulsionou ainda mais as provas pedestres já em

evolução. Começaram a surgir as maratonas, pois, à semelhança do que ocorria com o termo “olímpico”, aplicado a provas e campeonatos indistintamente, também começou a ser amplamente empregada a palavra “maratona” para designar corridas de várias distâncias. Um exemplo é a “meia maratona”, que designa uma prova de 21 quilômetros ou ainda em corridas de menor distância (GONÇALVES; MÜLLER, 2001). Isso se deve ao fato da popularização da maratona no mundo.

Em julho de 1910 foi realizada uma “maratonina” em São Paulo, que teve como vencedor o italiano Urbino Taccola. Esse evento foi patrocinado pelo “Cavalleire” Ettore Tiberio e por Dorando Pietri, na sua segunda visita a São Paulo. A prova de 20 km foi disputada em 50 voltas na pista do estádio no Parque Antártica no dia 17 de julho e Pietri finalizou em 01h06min50seg. Já no dia 24 de julho, houveram outras exposições com provas de 20 km para amadores e outra entre Pietri contra um corredor profissional argentino chamado Montes Nunes (LUCENA, 2013). Ainda em outubro do mesmo ano foi realizada outra prova de “minimaratona” no Hipódromo de Campinas. A prova também tinha a distância de 20 km e foi vencida novamente por Taccola, seguido por outros dois italianos ou descendentes. Em 1911, realizaram-se outras provas na distância de 24 km e de 10km, também uma corrida no Rio de Janeiro⁷ na distância de 34 km (GONÇALVES; MÜLLER, 2001). Observa-se que essas primeiras corridas ocorriam entre atletas que representavam agremiações culturais.

Em 1913 era realizada uma corrida que partia de Santa Cruz do Sul (cidade de colonização alemã) com chegada em Porto Alegre. Já em 1917, foram introduzidas pela ACM⁸ de Porto Alegre as primeiras corridas de rua na cidade e, em 1924, as mulheres

⁷ No decorrer do texto quando fizermos menção a cidade do Rio de Janeiro escreveremos por extenso, já quando nos referirmos ao Estado do Rio de Janeiro utilizaremos RJ.

⁸ Nos EUA denominada de *Young Men Christian Association* (YMCA) foi responsável pela invenção do basquetebol.

puderam participar das competições de atletismo realizadas em comemoração ao Centenário da Imigração Alemã na cidade. Ainda se realizou uma corrida de revezamento que percorria o trajeto entre cidades de colonização alemã (de Ijuí a São Leopoldo). Acredita-se que essa corrida demarca a realização da primeira corrida de revezamento no Brasil (MAZO, 2006; DAUDT, 1942 apud MAZO, 2006).

Além disso, o esporte, nesse caso, as corridas de rua, expandem-se além dos espaços concebidos inicialmente para sua prática. Na cultura teuto-brasileira o esporte é visto como uma forma de comungar, de percorrer a nação, de forma física, integrando-se ao coletivo. As corridas e marchas a pé são um meio utilizado pelos teuto-brasileiros para conhecerem e apreenderem o território, mais precisamente, o espaço da pátria. Os teuto-brasileiros percorriam cidades onde viviam os patrícios comungando além de território geográfico as fronteiras territoriais culturais (MAZO, 2006).

Apesar desses registros supracitados, por meio da transcrição de um recorte de jornal da época constata-se que a primeira corrida de rua de longa distância no Brasil teria sido realizada em novembro de 1906, na cidade de Salvador na Bahia (BA). A prova, em realidade, não era tão longa, pois consistia em percorrer 5 quilômetros. O tiro de revólver que indicou a largada em frente à igreja de Nazareth foi dado por W. Swiggs, às 06h15min e apenas três atletas seguiram pelo percurso. A corrida foi promovida pela ex-Liga Bahiana de Sports Terrestres. O controle, ao longo do percurso e do tempo, foi realizado pelo juiz José J. Costa Santos que acompanhou os competidores a cavalo. O primeiro colocado, Hans Schleir, que levava no peito o número 3, terminou a prova no tempo 16 minutos e 7 segundos (LUCENA, 2013).

Alguns registros consideram que a primeira corrida de rua realizada no Brasil aconteceu em São Paulo no ano de 1914, no clube Espéria, e foi organizada pelo jornal

O Estado de São Paulo. A competição realizou-se sob a forma de um Campeonato do Atleta Completo (contando com 12 provas). Com o advento da 1ª Guerra Mundial, a prática do atletismo foi paralisada. O retorno das competições ocorreu em 1918, quando o mesmo jornal promoveu uma corrida de 24 km em torno da cidade, denominada *Estadinho*, aberta a qualquer corredor que provasse aptidões físicas (SACONI, 2012).

Apesar dessas iniciativas consecutivas – ao que parece – a primeira maratona com quilometragem de 42.750 metros⁹ foi realizada em São Paulo em 14 de agosto de 1921, conforme noticiou a imprensa da época (ver figura 1). O campeão foi Roberto Costa que, representando o Brasil Esporte Clube, terminou a prova em 03h15min15seg. A largada ocorreu na rodovia São Paulo-Campinas e, de lá, os atletas partiram para a chegada realizada no Estádio Palestra Itália (Parque Antártica), onde o atleta vencedor recebeu uma coroa de louros e era aguardado por aproximadamente 5 mil pessoas nas arquibancadas e outras milhares pelas ruas. Havia 26 inscritos para a prova, entretanto, somente 20 largaram e 10 finalizaram. O segundo colocado foi Alfredo Gomes, da Sociedade Esportiva Paulista, seguido por Antonio Alexandre Gomes da Silva do Clube Esperia; Ildefonso Augusto de Oliveira do Santos Futebol Clube; e, Carmindo Silva do Brasil Esporte Clube (ATHLETISMO..., 1921a). O mesmo jornal que noticiou a realização do evento durante a semana publicou matérias sobre a prova¹⁰.

⁹ Mesma distância em que se havia disputado a maratona olímpica em 1920 realizada em Antuérpia, na Bélgica.

¹⁰ Apesar da visibilidade proporcionada pelo evento nos jornais da época e pela quantidade de espectadores, a 2ª edição da Maratona de São Paulo ocorreu somente em 1975 com 12 inscritos. A vitória e o novo recorde do percurso foi de Matheus Marcondes com 2h52min44seg (LUCENA, 2013).

Figura 1: Recortes de matérias sobre a “Marathona Paulista”.



Fonte: Athletismo... (1921b, p. 5) e Athletismo... (1921a, p. 10).

Em 1924, o atletismo brasileiro participou dos seus primeiros Jogos Olímpicos. No ano seguinte, é instituído o primeiro Campeonato Brasileiro. Mesmo ano em que o jornalista e então diretor do Jornal *A Gazeta*, Cásper Líbero, institui a Corrida de São Silvestre. O regulamento retratava que essa seria realizada no dia 31 de dezembro a meia noite, no sentido de demarcar a passagem para um novo ano (SACONI, 2012). Contudo, a primeira edição ficou restrita ao naipe masculino, tendo como vencedor o atleta Alfredo Gomes, do Clube Espéria, e foi disputada somente por brasileiros. A partir de 1945, a competição assumiu caráter internacional, reunindo atletas de diferentes nacionalidades. E em 1975, começou a contar com a participação feminina. A corrida de São Silvestre é uma das provas que é disputada até os dias de hoje ininterruptamente. Além dos impulsos desenvolvidos pelos clubes/associações de imigrantes, no caso específico da maratona, outros fatores parecem contribuir para a institucionalização da distância no país. Diante disso, tem-se como objetivo refletir sobre o desenvolvimento das primeiras maratonas no Brasil. Para tal, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental. Nesse conjunto, adotaram-se como fontes jornais, revistas e um conjunto de referenciais teóricos que fundamentam a

discussão desejada. Para a análise e interpretação dos dados utilizamos uma análise discursiva e contextual a partir dos dados coletados e o referencial teórico que nos permitiu estabelecer aproximações e distanciamentos entre os materiais.

Um fator importante para o desenvolvimento da prática de atividade física no Brasil foi a campanha internacional iniciada nos EUA para a prevenção de doenças coronarianas, por meio do estímulo de “exercitar-se” ou “mover-se”. No Brasil, a Campanha governamental intitulada “mexa-se” deu início a esses valores estabelecidos no meio médico, em particular, por Kenneth Cooper. Essa campanha tinha o intuito de promover a saúde e diminuir a taxa de sedentarismo nos anos 1970 e início dos anos 1980 (LUZ, 2005). O governo utilizava-se do *slogan* “Tem que malhar, tem que suar” propagado pelo ator e esportista Nuno Leal Maia. A cidade do Rio de Janeiro que ditava o ritmo do esporte, impulsionado pela novela que tinha na trilha sonora os irmãos Marco e Paulo Valle cantando “tem que malhar, tem que suar”. Além disso, promoções esportivas como o Esporte para Todos (EPT), que incluiu o esporte de massa entre as áreas prioritárias, Passeios a Pé, Passeios Ciclísticos, entre outras ações, visavam a massificação do esporte no país e a prática de atividades físicas (DAÓLIO, 1992).

A prática de exercícios aeróbicos era também disseminada pelo desenvolvimento do *jogging*, divulgado pelo professor Cláudio Coutinho (preparador físico da seleção brasileira de futebol nas Copas do Mundo de 1970 e 1974 e técnico em 1978), que utilizava o método de Cooper para o treinamento dos jogadores, além de outros métodos de treinamento. Naquele momento (em 1970) o Brasil acabava de conquistar a Copa do México, quando o Brasil foi tricampeão mundial (OLIVEIRA, 2012). Também, matérias na Revista Placar, importante meio de divulgação do futebol, alertavam para a importância de correr, pelo fato de desenvolver a capacidade aeróbica mais do que

qualquer outra atividade. Sinalizando que os treinamentos físicos dos times de futebol desenvolviam, obrigatoriamente, piques e testes de Cooper (*jogging* intenso em 12 minutos) (PULMÃO..., 1982).

Subsidiada por esses aspectos, a atividade física foi propagada, ainda, através de políticas públicas, como o Plano Nacional do Desenvolvimento do Esporte (PNDE), incentivados pela Campanha Mexa-se; Kenneth Cooper, incentivos fiscais, loterias e similares. Essas iniciativas contribuíram para o fortalecimento do desenvolvimento da corrida. Era comum às pessoas mencionarem Cooper como uma forma de corrida livre. Isso significa que Cooper, ao lado de outras iniciativas, acelerou a transformação de hábitos que já estavam se processando em proporções mais lentas e com outros significados (DIAS, 2017). No entanto, devido ao foco que o jornalismo esportivo da época dava a Cooper, às vezes, parece que esse foi o único responsável pela difusão da corrida de rua. Esse fato pode ser percebido na capa e recortes da *Revista Veja* (Figura 2). A mídia é o lugar no qual se (re) produzem os acontecimentos sociais, transformando-os em notícia e produzindo sentidos. Isto é, se apropria (mobiliza estratégias simbólicas singulares) da cena discursiva do fato para produzir sentidos (agendas). Para tanto, organiza os assuntos que fazem parte do dia-a-dia das pessoas e realiza a mediação entre os demais campos sociais, entre outros fatores pertinentes (BORELLI, 2001).

Figura 2: Capa e recorte central da *Revista Veja*, n. 203, julho 1972, p. 68 e a direita recorte do n. 726, agosto 1982, p. 71.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Desse modo, pressupomos que o *boom* das corridas de rua no Brasil tem alguns alicerces, do ponto de vista histórico e cultural; da dimensão técnica retratada em algumas formas de subsídio; rede comercial das corridas por meio de processos midiáticos, eventos, meios de informação expressos em revistas e *sites* especializados, empresas organizadoras de eventos de corrida; e, a dimensão institucional estabelecida pelas entidades administrativas. Esses aspectos demarcam as relações entre o esporte e o território, levando em conta o seu desenvolvimento e são demarcadas por atores que compõe o Circuito Esportivo Territorial.

As Primeiras Maratonas no Brasil

Apesar dos questionamentos sobre onde surgiu a primeira maratona no país – parece que – tiveram sua gênese em São Paulo e, apesar dos períodos de inatividade, algumas décadas depois se consolidam. Como exemplo, podemos citar a Maratona de São Paulo, iniciada em 1995 (NUNES; ROCHA, 2018). Há algumas controvérsias sobre a ocorrência da primeira maratona no Brasil. Isso se deve à precária realização das provas, ao sistema de medição e pouca divulgação, ocasionando resultados pouco

significativos. Em razão do sistema de medição pouco eficiente, diversas eram as provas que, embora intituladas maratonas, não representavam a real medida de 42,192km¹¹. Observa-se que existem registros com algumas provas de medida inferior sendo chamadas de maratonas.

Há indícios, como o apresentado da “Marathona Paulista” (ver introdução), que foram realizadas competições de maratona em 1921, 1925 e 1930 em São Paulo, no entanto, sem muitos registros, apenas os divulgados pela imprensa, principalmente a jornalística impressa. Em 1925 foi realizada em 16 de agosto, como anunciava o *Jornal da Manhã*, a 2ª edição da Marathona Paulista com chegada na praça do Palestra Italia, no Parque Antarctica. A prova teve 42 quilômetros e 600 metros, com largada às 06h30min, e contou com o auxílio de vários juizes além do principal, entre eles: de partida, o auxiliar de juiz, o de percurso, o de chegada e cronometristas. Havia 13 concorrentes dos clubes Tietê, Esperia, Club Campineiro, Palestra Italia, além de 3 avulsos, totalizando 16 participantes. Além disso, ocorreu a distribuição de vários prêmios (ATHLETISMO, 1925a). O campeão foi Matheus Marcondes do Esperia com o tempo de 02h52min44seg. Assim como na 1ª edição, o atleta campeão foi recebido com entusiasmo e recebeu uma coroa de louros, com a qual deu uma volta na pista do Parque Antarctica (ATHLETISMO, 1925b).

Anos mais tarde, em 1976, realizou-se a 1ª Maratona Cidade de Belo Horizonte, tendo a participação de 20 atletas. Essa competição foi organizada pela Federação Mineira de Atletismo, e repetida em 1979. No entanto, sempre com um número pequeno de participantes (FERREIRA, 1985). Embora existam dúvidas quanto a medição do percurso, essa foi uma das tentativas de implementar no Brasil a maratona.

¹¹ Ressalta-se que, apesar dessa ser a medida atual considerada da maratona, nem sempre foi essa quilometragem.

Até então, eram realizadas poucas corridas de rua, com distâncias curtas. A exemplo, pode-se citar a corrida de São Silvestre realizada em São Paulo. Alguns anos mais tarde, impulsionado pelo RJ, esse cenário se modifica.

Nos anos 1980, o RJ comportava maratonas regulares, introduzidas em 1979, com a realização da 1ª Maratona Internacional do Rio de Janeiro. Isso se deve à corredora Eleonora Mendonça¹², radicada nos EUA, que em 1978, junto com o jornalista americano que morava no Brasil, Yllen Kerr¹³, e Paulo César Teixeira, esportista e administrador de empresa, criou a empresa Promoções Internacionais (Printer). Com isso, um pouco da cultura norte-americana de corrida é importada para o Brasil (ARAÚJO, 2014b). Printer era uma empresa voltada para artigos desportivos e responsável pela promoção e organização de algumas corridas de rua, com o percurso ao longo das praias de Copacabana e do Leme. Nesse período, as provas de percurso inferior à maratona já atraíam grande participação (FERREIRA, 2008). Além da criação da Printer, Eleonora Mendonça, em sociedade com Paulo César, começou a fabricar roupas e tênis para corrida¹⁴, lançando também uma das primeiras revistas do gênero no país denominada *A Corrida* (HELENA ARAÚJO, 1982).

Anteriormente a realização da primeira maratona, em 1978, a empresa e seus colaboradores realizam a 1ª Corrida de Copacabana na distância de 19 km e que ainda no mesmo ano realiza a 2ª edição da Corrida Hotel Nacional/Leme. Concomitante à organização das corridas, eram trabalhadas as estratégias de *marketing* para atraírem corredores. Isso era feito por meio da revista *A Corrida*, de propriedade da própria

¹² Eleonora Mendonça foi a primeira brasileira a correr uma maratona olímpica, em 1984.

¹³ Autor do primeiro livro no Brasil sobre corrida, “Corra para Viver”, publicado pela Editorial Nórdica em 1979 (CARRILHO, 2009).

¹⁴ Eleonora Mendonça quando estava morando nos EUA trabalhou na fábrica da empresa de tênis *New Balance* no Setor de Pesquisa e Desenvolvimento, como encarregada dos programas de competição e das pesquisas de sapatos e roupas de corrida (HELENA ARAÚJO, 1982).

Printer. Não obstante, aconteciam de modo paralelo as corridas, clínicas e simpósios desportivos (FERREIRA, 2005a). Depois desses eventos, realizaram ainda por meio da Printer outras competições curtas, com foco em públicos específicos como: mulheres, idosos e crianças (MIRÁS, 2010).

É então que, no dia 29 de julho de 1979, é realizada a 1ª Maratona Internacional do Rio de Janeiro. Essa prova inaugura a organização de uma maratona tipicamente popular, com os cuidados necessários para o seu bom andamento. Cuidados como: medição do percurso, fixação correta dos marcos quilométricos, distribuição de água, hidratante e esponjas de água ao longo do percurso, funil de chegada e apuração de resultados imediatamente após a prova. O percurso da primeira maratona teve sua largada e chegada na Escola de Educação Física do Exército. Há registros de que foi satisfatória nos quesitos de organização, facilidade nas inscrições, simpósio técnico, rápida apuração e divulgação dos resultados. Somente 94 corredores concluíram essa prova, um número relativamente pequeno se comparado aos dias atuais. Após essa competição, a Printer promoveu mais quatro edições (FERREIRA, 2005a; 2008).

Como na época poucas eram as mídias especializadas em corrida de rua, os jornais auxiliavam na divulgação das provas. Os eventos esportivos são ‘fatos esportivos’ para a mídia, que se transformam em inúmeros acontecimentos sociais para o leitor e não se limitam apenas a representar uma competição. Esses refletem características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas etc. Assim, tomam-se os acontecimentos esportivos como fatos complexos que contêm um conjunto de dimensões das relações interculturais, no qual os atores sociais não são apenas os competidores, mas os espectadores, dirigentes, técnicos, as mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos etc. Sendo assim, é apreendido de forma dinâmica, como se fosse

constituído de inúmeras cenas ou *flashes*, que se apresentam sequencialmente, para formar uma totalidade (BORELLI, 2001).

Dessa maneira, o acontecimento aparece para o leitor como uma pluralidade de acontecimentos. Particularmente no jornal, como um quebra-cabeça onde os fatos são narrados, comentados e ‘mostrados’ com imagens, por meio de todo o conjunto da página, da diagramação, que segue os padrões do projeto gráfico. Esse determina a forma como os títulos, subtítulos, fotos, legendas, matérias principais e secundárias são apresentadas, a disposição dos elementos na página (BORELLI, 2001). Todos esses aspectos e elementos produzem um imaginário no leitor de modo intencional, produzindo sentidos, significados e sensações, por vezes implícitos na fala do redator.

O espetáculo esportivo pode ser entendido como produzido duas vezes: (i) no momento em que se operacionaliza/ocorre e na (ii) produção do acontecimento. No (i) momento em que se operacionaliza, no local específico e no instante do fato, pelo conjunto envolvido (atletas, espectadores, técnicos, árbitros, organizadores, dentre outros) no evento; utilizando de elementos construídos durante o evento, há a (ii) produção do acontecimento, por aqueles que o transformam em discursos desse espetáculo. Essa produção passa a ter a marca específica da emissora de TV, do jornal ou da rádio que agenda os acontecimentos. Pode ainda, estar associada por diversos aspectos: concorrência entre os diversos veículos de comunicação (pela melhor foto, entrevista, localização, etc.); busca do melhor elemento para a manutenção ou elevação da audiência; pela pressão característica do meio jornalístico (patrocinadores, questão do tempo, etc.) (BOURDIEU, 1997).

Fato esse materializado no recorte de jornal da figura 3, confirmam-se algumas informações sobre quem participava das competições, no início da notícia é sinalizado

que a prova é aberta ao público em geral, antigamente, a maioria das provas se restringia a atletas e não a população em geral. Sobre o “fazer Cooper” sinalizamos que essa expressão era utilizada na época como referência a corrida descompromissada fato esse percebido na informação descrita, “fará com que a prova se restrinja aos habituais corredores do Teste de Cooper, mais para conservação da condição física” (ATLETAS..., 1979, p. 33). Essa informação permite ao leitor se identificar com a realidade manifesta no conjunto de palavras. Além disso, observam-se elementos estruturais das provas, que já nessa época existiam e ainda hoje persistem como a divisão por categorias.

Figura 31: Recorte Jornal do Brasil, 29 de julho 1979.

Atletas de todas as idades correm maratona na Zona Sul

Aberta a atletas federais e não federados de todas as idades, será disputada hoje, com largada às 7h, a 1ª Maratona Internacional do Rio de Janeiro, prova de 42,195m, a mais longa do atletismo, com saída e chegada na pista da Escola de Educação Física do Exército, na Urca.

O percurso será praias da Urca, Vermelha, Botafogo, Flamengo, retorno no Museu de Arte Moderna, Tunnel Novo, Leme, Copacabana, Leme novamente, Avenida Pasteur e chegada na EEFE. Entre os inscritos, destaca-se o norte-americano Don Shenahan, favorito absoluto.

Os organizadores da 1ª Maratona esperam cerca de 200 inscritos, entre homens e mulheres, inclusive de outros Estados. Mesmo sendo um tipo de prova que desperta muita atenção no exterior, esta primeira promoção não chegou a interessar aos principais atletas estrangeiros. Até ontem, apenas o norte-americano Don Shenahan confirmou presença.

A prova também não chegou a entusiasmar os corredores brasileiros, como Brígido Ferreira, Elói Rodrigues, Edson Bergara, Carlos Alberto Alves, entre outros. A ausência desses atletas e mais de represen-

tantes da Argentina, Uruguai, México e Portugal fará com que a prova se restrinja aos habituais corredores do Teste de Cooper, mais para conservação da condição física.

As categorias que hoje competem foram divididas em: infante-juvenil: até 19 anos; aberta: 20 a 39 anos; veteranos: 40 anos em diante; mulheres: qualquer idade.

Durante o percurso haverá fiscais cronometrando a cada cinco quilômetros. Quatro postos de água também serão espalhados no trajeto, oferecendo líquidos e esponja molhada.

Fonte: Atletas... (1979, p. 33).

No entanto, a forma de organização da prova – relatada como pioneira nessa distância – rendeu algumas críticas, por parte de jornalistas e da própria organização do evento. Por parte dos jornalistas, pelo fato do atraso de 30 minutos na largada e a falta de equipe médica junto a linha de chegada; pontualidade e segurança para os participantes são pontos fundamentais em eventos esportivos e representam o respeito

com os corredores; por parte da organização as queixas existiram pelo fato de não ter apoio da Federação de Atletismo do Rio de Janeiro (FARJ). Já naquela época, os concluintes recebiam prêmio de participação, e os que se classificavam nas 6 primeiras classificações, por categoria, recebiam medalhas e troféus (LAURINDO, 1979).

Após esse primeiro passo na realização de maratonas no Brasil, o jornalista e esportista José Inácio Werneck, naquele momento diretor de esporte do *Jornal do Brasil*, teve a ideia de promover uma maratona. Obteve a aprovação junto a direção do Jornal, e conseguiu suporte financeiro do grupo Atlântica Boa Vista¹⁵ e, em 1980 coloca seu projeto em prática. Com o aumento do número de corredores e o aparecimento de alguns problemas estruturais na maratona organizada pela Printer, Werneck utiliza disso para promover uma segunda maratona no Estado. Dessa forma, em 1980 e 1981, foram disputadas duas maratonas no RJ. A primeira, tendo a Printer como organizadora e, a outra, o *Jornal do Brasil* que obteve um aumento no número de participantes. Outro importante elemento que impulsionou as corridas foi o lançamento da revista de corrida denominada *Viva – A Revista da Corrida*, em 1982, que pertencia ao *Jornal do Brasil* (FERREIRA, 2008). Até então, as informações sobre as competições eram disseminadas pelos próprios corredores, em colunas de jornal e, às vezes, por alguns informativos de corrida, como o *Correndo Atrás* e o *A Pé Mesmo* (PARADIZO, 2009).

Eram poucas as formas de sinalizadores de comunicação na época. Algumas mensagens eram disseminadas em jornais como o *Jornal do Brasil*, a *Folha de São Paulo*, *Jornal do Comércio*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *O Cruzeiro*, *Jornal dos Sports*, *O Estado de São Paulo*, *A Gazeta (SP)*, dentre outros que dedicavam parte de suas notícias ao esporte, exceto o *Jornal dos Sports* que era especializado em esporte. É

¹⁵ A seguradora Atlântica-Boa Vista Seguros era um dos patrocinadores da seleção brasileira de futebol na época.

em sua coluna no *Jornal do Brasil* que Werneck começa a anunciar como será a maratona, em um dos seus relatos sinaliza: “e aos que me perguntam pelo percurso da Maratona, posso no momento responder apenas que será um achado, reunindo tudo de mais bonito que o Rio de Janeiro tem a oferecer” (WERNECK, 1980c, p. 3), ou seja, utilizava desse meio para manter em foco a futura competição. Nessa época, os esportes que ganhavam maior destaque nas páginas dos jornais eram o futebol, as corridas de cavalo e o tênis de campo. No entanto, ao longo dos anos esse cenário vai se modificando e diversificando.

Somado a participação de corredores estrangeiros, a realização de simpósios e o crescimento do número e qualidade de maratonistas brasileiros, as maratonas do RJ atraíram inúmeros corredores. Então, por um lado, em setembro de 1980, realizava-se a 2ª Maratona Internacional do Rio de Janeiro, organizada pela Printer, registrando a participação de mais de 700 corredores. Por outro lado, dois meses depois, em 15 de novembro de 1980, realizava-se a maratona organizada pelo *Jornal do Brasil* intitulada 1ª Maratona Atlântica Boavista/*Jornal do Brasil* com esse nome devido ao patrocínio da Atlântica Boavista (atual Bradesco Seguros). Além do mais, contou com o apoio da CBAAt e da FARJ na medição do percurso, do Detran na logística e no fechamento das ruas no dia do evento, e até do Ministério da Defesa, para garantir a integridade física dos competidores (FERREIRA, 2005b; ARAÚJO, 2017b).

No total, 1.098 atletas se inscreveram na competição, que teve o custo de 100 cruzeiros. As inscrições eram feitas nas agências de classificados do *Jornal do Brasil* no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Belo Horizonte e Recife. O valor da inscrição dava o direito de correr a prova e a um kit que continha: número de peito e uma camisa de algodão. Dos corredores inscritos apenas 584 completaram a

prova. Desse modo, estabeleceu-se uma competitividade no Rio de Janeiro permeado pelas duas empresas de organização. Isso contribuiu tanto para o aumento da organização, índice técnico de competidores quanto para a atração de competidores internacionais. Entretanto, anos mais tarde haverá a extinção da competição organizada pela Printer (ARAÚJO, 2013b).

O principal papel da Maratona Atlântica Boavista realizada pelo *Jornal do Brasil*, foi dar visibilidade a corrida como um evento midiático. O seu idealizador, José Inácio Werneck, possuía no *Jornal do Brasil*, uma coluna chamada “Campo Neutro”. Nesse espaço, divulgava o calendário de corridas de rua, provas de corrida, seus resultados, informavam novas competições e, ainda, analisavam os cenários do atletismo brasileiro na época. Ainda, utilizava a coluna para convidar os leitores a participar de treinos longos aos domingos, como anunciava: “DE PRIMEIRA: Amanhã às oito horas [fazendo referência ao domingo do dia 17 de fevereiro de 1980], apesar do carnaval, treino no Hotel das Paineiras para a Maratona de 15 de Novembro” (WERNECK, 1980a, p. 23). Foi por meio dele, que se realizou a divulgação da 1ª Maratona Atlântica Boavista/*Jornal do Brasil*, iniciada já no mês de fevereiro como exposto na Figura 4.

Figura 4: Recorte *Jornal do Brasil*, coluna *Campo Neutro* de José Inácio Werneck, 8 de fevereiro de 1980.

ANDANDO pela praia, encontro Thomas Koch. Conversamos pouco sobre tênis e muito sobre *jogging*, do qual Koch é um assíduo praticante. Seus compromissos com o tênis não lhe dão muito tempo para as corridas rústicas, mas seu irmão, que mora em Porto Alegre, não tem o mesmo problema. Para benefício do irmão, Koch pede-me um calendário das próximas provas e eu informo, ainda sem muita precisão, que vai haver uma Volta da Lagoa, no início de março, organizada pela Federação de Atletismo, e, em meados do mês, os Nove Quilômetros das Paineiras, esta última de responsabilidade da Printer.

Mas, em matéria de corridas, a maior e melhor notícia é mesmo a Maratona que deveremos realizar no dia 15 de novembro. Desde já convido os praticantes de Cooper espalhados pela cidade a começar seus preparativos comparecendo depois de amanhã, domingo, às oito horas, ao Hotel das Paineiras. Ali, com a supervisão do cardiologista Ebnas Mello de Vasconcelos, vamos iniciar paulatinamente nossos treinos de longa distância: 16 quilômetros para os que já têm alguma prática, oito ou até menos para os demais.

Se você faz o Cooper ou *jogging*, meu amigo, posso lhe garantir que seu treino diário ou quase diário, pelo calçadão de Copacabana ou pelas ruas do subúrbio, temperado aos domingos com nossos encontros em que as distâncias crescerão paulatinamente, o deixarão em novembro em condições de aceitar e vencer o desafio em que se constitui uma Maratona.

Fonte: Werneck (1980b, p. 25).

A divulgação era feita em torno de que a prova seria diferenciada com um padrão internacional e com avanços tecnológicos. A empresa *Burroughs Corporation* instalou um terminal de processamento de informações transdata da Embratel, otimizando os resultados. No entanto, assim como na São Silvestre, também era utilizado o procedimento de entregar senhas ao longo do percurso e no final, garantindo, assim, que os competidores não cortassem caminho. Com a utilização do equipamento, dia 17 de novembro (48 horas após o término da prova), estavam estampados os resultados, divulgados de acordo com a faixa etária e sexo, nas páginas do *Jornal do Brasil*¹⁶. Também, foram instalados quatro postos de saúde ao longo do trajeto e, posto de hidratação, a cada 5 km. As inscrições para a prova abriram já no final de junho de

¹⁶ Hoje é um padrão adotado pelas provas com maior credibilidade a divulgação dos resultados. Visualiza-se já ao final da competição o tempo líquido e bruto dos competidores fato que não era comum na época.

1980. Poderiam ser feitas em diversas agências do *Jornal* tanto no Rio de Janeiro como em cidades de outros estados como, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Belo Horizonte e Recife (ARAÚJO, 2014b).

Com toda a estrutura montada em 1980, no ano seguinte, altera-se o número de competidores. A 2ª edição da Maratona Atlântica *Jornal do Brasil*, teve aproximadamente 2 mil inscritos e totalizou, 1.785 concluintes em 1981. Nesse ano ainda, a competição contou com uma parceria com a TV Bandeirantes que transmitiu na íntegra a competição. Essa visibilidade propiciada, auxiliou na consolidação do *jogging* como um estilo de vida (ARAÚJO, 2017b). Na Revista Placar também se encontrava menção do fenômeno *jogging* ocorrendo pelas ruas do Rio de Janeiro na reportagem intitulada “O Rio amanhece correndo” (ver Figura 5), foi publicado um roteiro completo dos locais cariocas de *jogging* contendo a extensão e características do trajeto. Além disso, a reportagem apresenta um calendário de corrida apontando a data de 1 de agosto como sendo a data que ocorrerá a Maratona Atlântica-Boa Vista (CARVALHO, 1981). Se a competição do *Jornal do Brasil*, estava cada vez mais em ascensão, o mesmo não ocorria com a 3ª Maratona da Printer, que reuniu cerca de 700 corredores (FERREIRA, 2005b). Ainda no ano de 1981, foi realizada a 1ª Maratona Brigada Militar em Porto Alegre que novamente teve outra edição somente no ano de 1987 (PINHEIRO, 2012).

Figura 2: As corridas nas Revistas.

VIVA EM FORMA Ibirapuera, Carmo, Aclimação: todos os parques de São Paulo na próxima edição de PLACAR

O Rio amanhece correndo

São 5 horas da manhã: o Rio já está de pé, correndo, mantendo a forma. Nesta reportagem, um roteiro completo dos locais cariocas de jogging.

“Se eu não corro, o dia não começa”, vibra Betty Faria, nestes tempos, mais conhecida como a Joana do “Bela Como”, novela da Globo. Uma e outra — atriz e personagem — são assíduas presenças no já famoso calçadão do Leblon, que, entre 5 e 9 da manhã, se transforma em regurgitante pista de jogging, antes que o Sol, bombas, carros e a hora de trabalhar afastem seus praticantes. Mas, quando o dia termina para Betty Faria e seus parceiros madrugadores, levam de corredores vestimentas novamente tomam do assalto o calçadão.

Aquilo, portanto, que os mais resistentes consideravam um passatempo modesto tipicamente carioca está hoje integrado à cidade e incorporado aos hábitos dos que praticam o jogging. Do Leblon ao Arpoador, em Copacabana e no Aterro, da zona norte à zona sul, o Rio ingressa na idade da saúde.

Correr é viver mais, é fugir da solidão

neiro). O jornalista José Inácio Werneck, divulgador desse esporte em sua coluna do *Jornal do Brasil*, esclarece: — É o momento em que me sinto sereno, tranquilo, com a cabeça em ordem para pensar.

E é o momento de fazer novos amigos, de mudar inclusive a própria vida. Como aconteceu com Irmão Lima de Barros, 37 anos, que se separou do marido por causa do jogging. “Ele queria sair, ir a festas, beber, e eu não podia. Queria mesmo acordar cedo, sentir...”

Mas o final acabou sendo feliz: Ricardo, o marido, resolveu experimentar o esporte e gostou. Tanta gostou que, hoje, ele e Irmão correm — e vivem — juntos.

Maracanã.
Extensão: 4 km. Pista plana, não oficial.
O aterro que circunda o majestoso estádio tem servido para quem mora na zona norte. Mas a área é pouco recomendável pelo intenso movimento de carros. A estrada Grajaú-Jacarepaguá é outra op-

tos para seu passeio matinal e há sempre o risco de um pastor alemão estranhar um corredor mais afoito.

Calçadão Copacabana.
Extensão: 4 km. Pista plana.
“Correr em Copacabana depois das 9 é impossível”, diz Cristina Amâncio,



Aterro do Flamengo: ginástica.

Fonte: Carvalho (1981, p. 78).

Em agosto de 1982, a Maratona Atlântica Boavista/*Jornal do Brasil* passa se chamar Maratona Bradesco/*Jornal do Brasil*, obtendo 3.496 concluintes dos 4.000 inscritos e em 1983, chegou a 6.782 inscritos. A prova teve alguns atrativos como: o sistema de cronometragem adotado; a medição oficial do percurso que em caso da conquista de recorde seria homologado pela FARJ; premiação para categorias (para os três primeiros) e troféus para os três primeiros na geral; premiação principal para atletas brasileiros/naturalizados, e passagem e estadia para a Maratona de Nova York em 1982; os participantes que concluíam a prova ganhavam camiseta comemorativa; assistência médica; simpósios dias anteriores a prova (LOUREIRO, 1982).

A medição do percurso da prova foi realizado por uma equipe de medição formada por 12 pessoas. A equipe utilizou o equipamento chamado Trumeter de fabricação inglesa e demorou 9h e 15min para medir o percurso da prova, caminhando (ver figura 6). O percurso foi medido seguindo as seguintes normas: medição feita a 1 metro da calçada; com as curvas tangenciadas no meio-fio interno devido a tendência do corredor cortar caminho; passo a passo; cuidadosamente para evitar a trepidação da roda

calibrada; obrigatoriamente realizada duas vezes a medição (LIMA, 1982). Isso indica que já naquela época havia um cuidado com a medição correta.

Figura 63: Sistema de medição Trumeter.



Fonte: Adaptado de Lima (1982, p. 6-7).

Ainda em 1982, a 4ª Maratona da Printer, teve aproximadamente 800 concluintes. No Rio de Janeiro, nos anos subsequentes o cenário das maratonas não se modifica. Somente a Printer deixa de realizar competições nessa distância (FERREIRA, 2005b). Um dos acontecimentos que demarcou a expansão das Corridas de rua e, particularmente da maratona, foi a capa da Revista *Veja* de 4 de agosto de 1982. Além de uma foto de corrida anunciava “Maratona! O esporte das grandes cidades” (Figura 7). Durante 7 páginas a revista chama a atenção da maratona que seria realizada no Rio de Janeiro, do grande número de pessoas que reúne, sobre seus benefícios, suas necessidades, assim como da qualidade de vida que oportuniza aos praticantes.

Figura 74: Capa e parte da matéria da Revista Veja de agosto de 1982, n. 726.



Fonte: MARATONA (1982, p. 68-69).

Paralelamente as maratonas que vinham ocorrendo no RJ, em 1981, começam a serem organizadas outras maratonas pelo Brasil nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Salvador (FERREIRA, 2005b). Em 1982, nasce a Maratona Cidade de São Paulo em comemoração ao aniversário da cidade. Cerca de 2.500 pessoas participaram da prova e como indicava a matéria da *Revista Placar* “o modismo que veio [pra] ficar” (ver figura 8). Foi promovida pela Secretaria Municipal de Esportes, Federação Paulista de Atletismo (FPA) e Promosport, empresa especializada em eventos esportivos (GUIMARÃES, 1982). Os quatro homens melhores colocados e as duas mulheres receberam como premiação a passagem de ida e volta para os EUA para participação na Maratona de Nova York. Em 1983, é realizado em São Paulo a 2ª edição tendo como organizadora a empresa VIVA do *Jornal do Brasil*. Já na 4ª Maratona Bradesco/*Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, inscreveram-se mais de 7 mil corredores, mas somente 4.383 concluíram a prova. Nessa edição da prova o número de *staffs* utilizados pela organização passa de 400 em 1982 para 3 mil nessa edição, além disso, a transmissão de TV passa a ser efetuada pela Record (ARAÚJO, 2017b).

Figura 85: Recorte Revista Placar, 1982.**O modismo que veio para ficar**

Fonte: Kinjô (1982, p. 70-71).

Em 1984, a 5ª Maratona Bradesco/*Jornal do Brasil* foi escolhida pela CBA e Comitê Olímpico Brasileiro (COB) como classificatória para os Jogos Olímpicos de Los Angeles¹⁷. Outra novidade foi a realização da entrega do kit e o simpósio em um evento único denominado a Feira da Maratona¹⁸ e cobertura televisiva da Manchete e revistas estrangeiras especializadas (ARAÚJO, 2017b). Mais de 7.400 atletas participaram da prova. Ainda essa edição assegurou a participação do Brasil na primeira maratona olímpica feminina (FERREIRA, 2005b). Novamente, as notícias sobre a 5ª Maratona Bradesco/*Jornal do Brasil* ganham páginas da tradicional *Revista Placar* que abordava assuntos, particularmente sobre futebol. A matéria apresentou o número de competidores que ganhavam as ruas na época, 7.439 participantes e o pórtico de chegada bem diferente do que presenciamos no cenário atual (LOPES, 1984).

Naquela época, o sistema de inscrições para a Maratona de São Paulo não contava com sistema online e, para sua realização era utilizado o sistema de envio das fichas de inscrição pelo correio. Em 1985, foi dividido em duas fases: (1) via correio; (2) presencial. As inscrições via correio, ocorreram inicialmente e foram desenvolvidas

¹⁷ Venceram a prova e consequentemente classificaram-se para os jogos olímpicos, Elói Schedler com o tempo de 2:24:35 e Eleonora Mendonça com a marca de 2:55:54 (FERREIRA, 2005b).

¹⁸ Atualmente, é comum ocorrer eventos desse tipo anteriormente a prova.

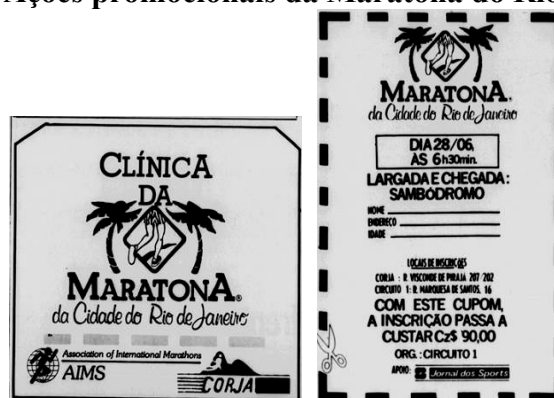
em dois momentos: (a) primeiro, os corredores de São Paulo que já haviam corrido a Maratona do Rio e constavam no cadastro da Viva Promoções Esportivas, receberam pelo correio a ficha de inscrição; (b) depois, os corredores cadastrados dos demais estados brasileiros com tempo de conclusão da maratona até 3h30min. Já em um (2) segundo momento, as inscrições foram abertas para todos, bastava ir até a Secretaria Municipal de Esporte de São Paulo e retirar a ficha de inscrição. O limite de inscrições era de três mil corredores e a taxa de inscrição fixada em Cr\$ 5 mil (AZEVEDO, 1985).

No Rio de Janeiro, a equipe da Viva Promoções Esportivas continuou fazendo crescer a Maratona do Rio. Isto resultou em 1985, com a Maratona do Rio sendo o maior evento esportivo realizado no Brasil, com 5.361 concluintes (ARAÚJO, 2017a). Em 1986, a Maratona do Rio totalizou 5.163 concluintes. Já em 1987, houve duas maratonas no Rio de Janeiro. Uma na sua 1ª edição com a organização da empresa Circuito 1 de José Inácio Werneck e da CORJA (Corredores de Rua do Rio de Janeiro), denominada Maratona da Cidade do Rio de Janeiro. As inscrições custaram Cz\$ 100,00 e eram realizadas de modo presencial na CORJA ou na empresa Circuito 1, já os corredores cadastrados nessas duas entidades e nos clubes de corrida do Brasil, poderiam ainda fazer pelo correio mediante preenchimento da ficha recebida via correio (MARATONA..., 1987a). A primeira edição teve largada e chegada no Sambódromo e contou com a participação de 2.487 corredores (FERREIRA, 2008).

Como forma de atrair mais participantes a organização realizou anteriormente a prova uma Clínica da Maratona com o intuito de preparar os interessados em correr a prova no dia 28 de junho. A Clínica ocorria todos os domingos a partir do dia 8 de março às 7h ao lado do Museu de Arte Moderna, no Aterro do Flamengo, com orientação do professor Antônio Carlos Ferreira e direção de José Inácio Werneck.

Além disso, o *Jornal do Sports* como um dos apoiadores do evento divulgava cupons de desconto para efetuar as inscrições. A divulgação dessas duas ações pode ser visualizada na figura 9. Ainda, a organização ofereceu prêmios em dinheiro que totalizaram Cz\$ 336.500,00. Os três primeiros que findassem a prova no naipe masculino com o tempo abaixo de 2h20min e no feminino em 2h55m receberiam o incentivo de Cz\$ 5.000,00¹⁹. Também, houve a premiação troféu Mérito Esportivo entregue ao vencedor da categoria Cadeira de Rodas. Todos que concluíssem o percurso receberiam uma medalha comemorativa e um casaco térmico (INSCRIÇÕES..., 1987).

Figura 9:6 Ações promocionais da Maratona do Rio de Janeiro.



Fonte: CLÍNICA... (1987, p. 6) e MARATONA... (1987b, p. 4).

Neste mesmo ano ocorreu uma 2ª maratona na cidade, a tradicional maratona do *Jornal do Brasil* a Maratona Internacional do Rio de Janeiro, organizada pela Belta Promoções de Flávio Beringh (ex-Viva Promoções Esportivas) (MARATONA..., 1987b). No ano seguinte, o jornal *O Dia* substituiu o *Jornal dos Sports* na organização da Maratona da Cidade. Como aconteceu em alguns anos anteriormente, dessa vez, a Maratona da Cidade serviu de base para indicação dos representantes do Brasil nos

¹⁹ Esses incentivos para a quebra de recordes da prova são verificados ainda hoje, principalmente na série das *Majors*.

Jogos Olímpicos de Seul²⁰. Nesse ano, ocorreu ainda a 9ª edição da maratona do *Jornal do Brasil* (FERREIRA, 2008). Em 1989, a Maratona da Cidade, manteve os mesmos moldes dos anos anteriores. Já a Maratona do Rio de Janeiro atinge a 10ª edição e última participação do *Jornal do Brasil*, totalizando 2 mil concluintes. Se comparado com outras edições, a prova diminuiu consideravelmente o número de participantes.

Em 1990, o grupo de organizadores do jornal *O Dia* e a empresa *Sports e Marketing* decidem unificar as duas maratonas que vinham sendo realizadas. Com isso, mudou-se o nome para Riomaratona e houveram algumas alterações no percurso da prova (ALAGOANO..., 1990). Em 1991, houve a 1ª Maratona do Rio de Janeiro realizada pela *Sprint Mach Marathon*. A competição tornou-se uma prova instável até 2003 quando passa a ter o formato atual (ARAÚJO, 2017b). Em 1992, houve a Maratona Sul América Seguros e a Maratona Eco-Rio (PAPAU..., 1992; MARATONA, 1992). De certa forma, essa oscilação no número de provas demonstra o declínio de maratonas no RJ²¹. Entretanto, as corridas de rua na distância estabelecida pela maratona já estava consolidada no Brasil.

E não obstante, surgem ainda nesse entremeio, às maratonas em Porto Alegre (1983), Brasília (1984) e em Blumenau (1983), mais tarde surgem ainda à maratona de Curitiba (com uma edição piloto em 1995 e o início oficial em 1997) e Foz do Iguaçu (2007). Um pouco mais tarde, passou a acontecer a Maratona de Santa Catarina²² e a de Blumenau desapareceu em 2006, tornando a acontecer em 2012²³. Atualmente, a Maratona de Blumenau não vem mais ocorrendo. O surgimento dessas provas marcam

²⁰ Venceram a prova, Valmir de Carvalho (2h17min10seg) no naipe masculino e Angélica Almeida (2h47min48seg) no feminino (FERREIRA, 2008).

²¹ Um dos fatores que podem ter ocasionado esta estagnação deve-se a morte de James F. Fixx, durante um treino e o aparecimento de outras maratonas no país.

²² Sinalizamos que estamos cientes que até 2009 era realizada pela Secretaria de Esportes do Estado. Em 2011, volta a ocorrer organizada pela *Latin Sports*.

²³ Em 2012, a organização foi realizada pela Corre Brasil.

definitivamente a consolidação das maratonas no Brasil. No entanto, se observarmos onde localiza-se as maratonas, verificamos que se concentram nas capitais dos estados. Poucas são as provas oficiais nessa distância realizadas em cidades periféricas. Dito de outra forma, há uma concentração das provas de maratonas nas capitais brasileiras. Mais especificadamente, há uma hierarquia entre as regiões que comportam as maratonas. Isso pode ser visto no contexto histórico de difusão e consolidação das provas como na atualidade.

Embora em um contexto diferente de competição, mas nas mesmas medidas, surgem as corridas de revezamento. A primeira Corrida de Revezamento realizada com a medição de uma maratona, foi a Pão de Açúcar em setembro de 1993 em São Paulo. Contou com a participação de 1.010 corredores divididos em 256 equipes (SAMPAIO, 2013). Após a criação desta, outras com a mesma proposta surgiram, a exemplo, a Volta à Ilha (em Florianópolis), Volta do Lago Caixa (em Brasília), Volta de São Francisco (em São Francisco do Sul), dentre outras que por vezes ocorrem em distâncias maiores.

Isso quer dizer, que no Brasil, na década de 1980, permeado pelo movimento mundial de massificação das corridas de rua, intensificou-se essa prática na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo de maratonas. Fato esse observado no crescente número de concluintes e provas que se realizavam na cidade. No entanto, após esse momento de culminância no RJ, o eixo de corridas de rua no Brasil, descola-se para o SP nos anos 1990 e se fortalece. E assim permanece e consolida-se a cada ano. Concomitante a esse movimento, são criadas novas formas de atração para os participantes, ou seja, novas formas surgem no mercado de corridas para evitar obstáculos que resultam em um período de estagnação das provas.

Considerações Finais

A maratona, no Brasil, viveu e vive diversos momentos. Inicialmente desenvolvida em pequenas proporções foi, ganhando visibilidade e tornando-se um grande evento esportivo, capaz de reunir um número representativo de pessoas. Nesse processo de transformação as corridas de rua adquirem alguns dos aspectos sinalizados como próprios dos esportes modernos, como espetacularização, regulamentação e entidades administrativas. Concomitante a esse processo, as corridas de rua e, particularmente as maratonas se difundem para outros Estados e adquire significados distintos para os que a realizam desde aspectos sociais, de qualidade de vida, estilo de vida, como econômicos para os que a administram.

Verificou-se que ao longo dos anos aumentou o número de provas de maratona tendo em vista que o número inicial de maratonas era pequeno e algumas não tiveram continuidade. Com o aumento expressivo do número de provas o número de corredores também aumentou. O fato de, antigamente, o número de corredores em uma competição serem maior que os números de hoje, pressupomos estar associado ao aumento do número de provas que ocasiona uma maior dispersão dos atletas.

Paralelo a esse movimento, houve a transformação do próprio corredor, além de um número menor de corredores, os objetivos eram outros. Ao longo dos anos observa-se a diminuição dos corredores que almejam a performance e cresce o número de corredores que buscam saúde, diversão, socialização e relacionar-se. Essa transformação pode ser determinada pelos próprios competidores das primeiras provas de corrida no Brasil, hoje, a corrida popularizou-se e qualquer pessoa independente da sua condição física tem acesso até mesmo porque, os organizadores aumentaram o tempo possível de término das maratonas.

Esses movimentos de desenvolvimento da corrida de rua ressaltam a instituição das duas ondas do *running boom* no Brasil. Isto é, em um primeiro momento, tínhamos o desenvolvimento de competições, sobretudo pelos clubes étnicos que alteraram a sua institucionalização com a criação das entidades administrativas (federações) que passaram a concentrar a prática por meio do estabelecimento das regras e a uniformização. No entanto, na segunda onda – parece que – os registros e a forma de desenvolvimento das corridas de rua altera-se. Na segunda onda, houve a intensificação do desenvolvimento de eventos esportivos por meio de empresas organizadoras de eventos que não estão localizadas dentro da estrutura do esporte tradicional, ou seja, pelas federações. Com isso, as federações realizam parcerias com as empresas para promover os eventos apoiando ou simplesmente utilizando da competição como obtenção de índice para representar o país.

Paralelo a esses momentos, os eventos se modificaram desde a sua estrutura até o seu modo de operacionalização. Acrescentou-se as corridas inovações que ampararam os corredores (forma de largada, banheiros químicos durante o percurso, atendimento médico, vestuário, controle de trânsito, percurso aferido, kit, medalha, etc.) e agilizaram o processo de apuração dos resultados, procedimento de inscrição e até mesmo a facilitação na adesão. Assim como, há maior quantidade de circulação de informação sobre o assunto, amparo ao corredor, número de provas e tipos de competições.

Ao mesmo tempo em que, a cidade de São Paulo, parece ter sido pioneira no desenvolvimento de espaços densos da prática da corrida de rua, mais precisamente, permeada pela realização de eventos regulamentados por regras oficiais e particularmente, eventos de maratona. No entanto, é seguida de perto por outras cidades como principalmente, as capitais da região “centro-sul”, evidentemente com diferentes

níveis de intensidade. Com isso, as corridas de rua tornaram-se ao longo dos anos um importante evento de cultura de massas a partir do imenso potencial do esporte.

REFERÊNCIAS

ALAGOANO é rei do Rio: pelo terceiro no consecutivo, vence maratona na cidade. **Jornal dos Sports**, 6 ago. 1990, p. 10-11.

ARAÚJO, N. A evolução do recorde mundial de maratona. **Revista Contra-Relógio**, São Paulo, nov. 2014b. Disponível em: <https://revistacontrarelogio.com.br/materia/a-evolucao-do-recorde-mundial-de-maratona/>. Acesso em: 15 maio 2017.

_____. A maratona do Rio na década de 80: criada por um jornalista apaixonado por corrida, a Maratona Atlântica-Boa Vista/Jornal do Brasil foi o maior exemplo de como a corrida crescia a passos largos no início dos anos 1980. **Contra-Relógio**, n. 285, p. 50-54, jun. 2017b.

_____. A popularização do jogging. Uma recapitulação histórica do processo de massificação de uma prática que nem sempre foi popular: a corrida. **Contra-Relógio**, São Paulo, n. 242, p. 60-63, nov. 2013b.

_____. Os grandes recordes da maratona masculina. **Contra-Relógio**, n. 268, p. 50-54, jul. 2017a.

ATHLETISMO. A marathona paulista. **Jornal do Brasil**, 16 ago. 1921, Diário Desportivo, p. 10-11. 1921a.

ATHLETISMO. A Marathona Paulista. **Folha da Manhã**, 14 ago. 1925, p. 7. 1925a.

ATHLETISMO. A Marathona Paulista. **Folha da Manhã**, 16 ago. 1925, p. 4. 1925b.

ATHLETISMO. A maratona paulista. **O Estado de São Paulo**, 15 ago. 1921, Esporte, p. 5. 1921b.

ATLETAS de todas as idades correm maratona na Zona Sul. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1979, Esportes, 1º Caderno, p. 33.

AZEVEDO, E. Com as bases lançadas, só falta chegar o dia. **VIVA – A Revista da Corrida**, n. 35, p. 5, fev. 1985.

BALE, J. **Sports geography**. 2. ed. London: Routledge, 2003.

BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-15.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

CARRILHO, M. Eleonora: pioneira polivalente. **Contra-Relógio**, n. 185, fev. 2009.

CARVALHO, M. C. O Rio amanhecendo correndo. **Revista Placar**, n. 574, p. 78-79, maio 1981.

CATARINO FILHO, M. R. Clubes esportivos e recreativos em Niterói – RJ. In: DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 191-196.

CLÍNICA da Maratona da Cidade do Rio de Janeiro. **Jornal dos Sports**, 7 mar. 1987, p. 6.

DAÓLIO, J. **A representação do trabalho do professor de educação física na escola**: do corpo matéria-prima ao corpo cidadão. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

DAUDT, J. (redator). **Álbun-Revista Comemorativa ao 75º aniversário da Sociedade Ginástica de Porto Alegre, 1867**. Porto Alegre: SOGIPA, 1942 *apud* MAZO, J. Z. **Club esportivos e recreativos em Porto Alegre-RS**. In: DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

DIAS, C. Corrida de rua no país do futebol. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-32, jan./jun. 2017.

EVANS, F. **A História** – o nascimento e a evolução do atletismo no Brasil. Matéria originalmente publicada na edição 43 da Revista SuperAção. 2010. Disponível em: <http://www.multiesportes.com.br/?p=363> . Acesso em: 9 ago. 2015.

FERREIRA, A. A corrida na década de 80. **Contra-Relógio**, n. 144, p. 124-126, set. 2005b.

_____. A corrida no final dos anos 70. **Contra-Relógio**, n. 143, p. 88-89, ago. 2005a.

_____. A evolução da maratona no Brasil. **Contra-Relógio**, n. 181, p. 49-54, outubro, 2008.

_____. VI História das maratonas: Os grandes corredores consolidam o sucesso e popularizam a prova. **VIVA – A Revista da Corrida**, n. 35, p. 41-47, fev. 1985.

GONÇALVES, J. C.; MÜLLER, E. C. Primeiras maratonas no Brasil, em 1910: italianos e “oriundi”. O Grande livro do atletismo brasileiro – em elaboração. **Contra-Relógio**, n. 94, julho, 2001.

GUIMARÃES, J. C. A. Eloy Schleder vence e bate recorde na I Maratona da Cidade de São Paulo. **Revista Maratona**, ano 2, n. 7, p. 28-29, 1982.

HELENA ARAÚJO, M. Correndo ela ganha a vida: Ex-tenista de futuro, a carioca Eleonora Mendonça acabou encontrando no jogging um esporte de prazer e uma profissão. **Placar Magazine**, n. 647, p. 78-79, out. 1982.

INSCRIÇÕES. **Jornal dos Sports**, 3 jun. 1987, p. 6.

KINJÔ, C. O campeão da Maratona de São Paulo ensina como correr por prazer: Elói corre para cuidar do corpo. **Revista Placar**, n. 611, p. 69-71, 5 fev. 1982.

LAURINDO, U. Hélio Alves vence a 1ª Maratona do Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jul. 1979, Cadernos de Esportes, p. 3.

LIMA, P. III Maratona Atlântica BoaVista **Jornal do Brasil**: 42,195 metros muito bem medidos. **VIVA – A Revista da Corrida**, n. 1, p. 6-8, abr. 1982.

LOPES, T. V Maratona do Rio de Janeiro: Uma viagem de 42 km. **Revista Placar**, n. 733, p. 8-10, maio 1984.

LOUREIRO, M. A grande festa do esporte que movimenta o Rio. **VIVA – A Revista da Corrida**, n. 4, p. 6-11, jul. 1982.

LUCENA, R. A corrida dos dinossauros: as 10 primeiras provas do Brasil, os heróis, as tragédias, as maratonas que marcaram época. **Revista O2**, n. 121, p. 49-56, maio 2013.

LUZ, M. T. Novas práticas em Saúde Coletiva. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 33-46.

“MARATONA! O esporte das grandes cidades”. **Revista Veja**, n. 726, ago. 1982.

MARATONA da Eco-92 encerra inscrições hoje. **Jornal dos Sports**, 22 maio 1992, p. 8.

MARATONA. **Jornal dos Sports**, 28 fev. 1987, p. 6. 1987a.

MARATONA da cidade do Rio de Janeiro. **Jornal dos Sports**. 6 jun. 1987, p. 4. 1987b.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeira: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MAZO, J. Z. **A Emergência e a Expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. 2003. 376 f. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) - Universidade do Porto, Porto, 2003.

_____. **Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre-RS**. In: DA COSTA, L. (Org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFED, 2006.

MAZO, J. Z.; MADURO, P. A.; PEREIRA, E. L. A prática do atletismo nas associações desportivas da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX: primeiros indícios. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 42-56, jul./dez. 2010.

MELO, R. G.; TURCO, B. Atletismo. In: DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 248-249.

MELO, V. A. **Cidadesportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MIRÁS, D. **Correndo na frente**: A incrível história do Vasco, um visionário das corridas de rua. ZDL Editorial: São Paulo, 2010.

NUNES, C. C. **Desenvolvimento regional e esporte**: o esporte como demarcador territorial em Santa Catarina, Brasil. 2014. 125 f, il. Dissertação (mestrado) - Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional 2014.

_____.; ROCHA, M. J. Alguns elementos que demarcam a Maratona de São Paulo em suas primeiras edições (1995-1999). **Revista Hydra**, v. 3, p. 193-238, 2018.

OLIVEIRA, W. **30 anos de história** – Tem que malhar, tem que suar. 2012. Disponível em: http://www.corpore.org.br/cws_exibeconteudogeral_4121.asp. Acesso em: 10 jul. 2017.

PAPAU fica com o bi da maratona. **Jornal dos Sports**, 29 jun. 1992, p. 10.

PARADIZO, F. Corridas de antigamente não deixam saudades. **Contra-relógio**, n. 193, p. 70-73, out. 2009.

PINHEIRO, J. P. C. **A história da maratona de Porto alegre e sua contribuição para a popularização das corridas de rua na cidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PULMÃO nele. **Revista Placar**, n. 615, mar. 1982.

SACONI, R. **'Taça Estadinho' antecedeu a São Silvestre**: Primeira prova de pedestrianismo foi disputada em 1918. 2012. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,taca-estadinho-antecedeu-a-sao-silvestre,8804,0.htm>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SAMPAIO, A. C. Revezamentos: diversão e superação na mesma prova. **Contra-Relógio**, ano 20, n. 235, p. 76-78, abr. 2013.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas corporais**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005

WERNECK, J. I. Coluna Campo Neutro. **Jornal do Brasil**, 08 fev. 1980b, Caderno de Esportes, p. 25.

_____. Coluna Campo Neutro. **Jornal do Brasil**, 11 fev. 1980c, Caderno de Esportes, p. 3.

_____. Coluna Campo Neutro. **Jornal do Brasil**, 16 fev. 1980a, Caderno de Esportes, p. 23.

Endereço dos Autores:

Camila da Cunha Nunes
Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE)
Rua Dorval Luz, 123 - Bairro Santa Terezinha
Brusque – SC – 88.352-400
Endereço Eletrônico: camila.nunes@unifebe.edu.br

Manoel José Fonseca Rocha
Escola Técnica do Vale do Itajaí (ETEV/FURB)
Rua Antônio da Veiga, 140 - Itoupava Seca
Blumenau – SC – 89.030-903
Endereço Eletrônico: manoel@furb.br